



Temer estuda ceder mais para aprovar Previdência

Sem o apoio necessário, presidente da Câmara adia votação para fevereiro

O governo Temer decidiu flexibilizar ainda mais a proposta de reforma da Previdência. Nesta quinta (14), o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, anunciou o adiamento da votação para 19 de fevereiro, a menos de oito meses das eleições.

“O ideal era que fosse votado agora, mas o tempo vai nos ajudar a esclarecer [a reforma]. O frustrante é perder”, disse Maia. Nos últimos dias, falhou tentativa do Planalto de obter apoio em troca de cargos e verbas —são necessários 308 votos.

O deputado assumiu a condução de um acordo com os servidores públicos, que pressionam o governo a mudar o texto atual. Ele costura uma regra de transição mais benéfica para aqueles que ingressaram no funcionalismo antes de 2003.

A redução da idade mínima das mulheres de 62 para 60 anos também voltou a ser discutida. O ministro Henrique Meirelles (Fazenda) negou a reabertura de negociações, mas a equipe política de Temer já admite fazer concessões. **Mercado A15**

Fonte: Jornal Folha de S. Paulo – 15/12/2017

Aprovação da reforma da Previdência deve ficar para o próximo governo

O governo Temer jogou todas as suas fichas para tentar aprovar sua nova e mais enxuta reforma da Previdência antes do recesso parlamentar do dia 20, mas, nesta quarta (13) ao menos parte de suas lideranças no Congresso parece ter jogado a toalha. O líder do governo no Senado, Romero Jucá (PMDB-RR), anunciou que a decisão de adiar a votação para fevereiro não é uma derrota e que ela foi tomada por causa do baixo quórum em Brasília que deve haver na semana que vem. Ele tenta argumentar que politicamente faz pouca diferença entre votar a Previdência em dezembro ou fevereiro. E o que importa é que o apoio à reforma está subindo. Cita a decisão do PSDB de fechar a favor da reforma como um sinal dessa "construção" e que esse trabalho continuará.

Fonte: Jornal Folha de S. Paulo – 14/12/2017

Tucanos resistem à reforma mesmo após apoio da sigla

A resistência na bancada tucana à reforma da Previdência continua, apesar de o PSDB ter aprovado oficialmente o apoio à proposta nesta quarta-feira (13). Dos 46 deputados federais da sigla procurados pela reportagem, apenas 8 afirmaram que seguirão o partido e apoiarão a reforma. Outros 8 mantiveram a posição contrária à proposta, 6 se disseram indecisos, 1 afirmou ser parcialmente favorável e 8 não quiseram se manifestar.

Fonte: Jornal Folha de S. Paulo – 14/12/2017

SALÁRIO MÍNIMO DE R\$ 965

é aprovado no Congresso Nacional

Fonte: Jornal Diário do Litoral – 15/12/2017

Desigualdade é maior no Brasil, mas cresce mais na China, afirma relatório

A concentração de renda no topo da pirâmide social é maior no Brasil do que em muitos países ricos, mas ela tem crescido mais aceleradamente na China, na Rússia e na Índia, segundo um novo relatório sobre a desigualdade no mundo que será divulgado nesta quinta-feira (13). Produzido por um grupo de pesquisadores liderado pelo economista francês Thomas Piketty, o relatório é baseado nas conclusões de estudos realizados no Brasil e em outros países na esteira da publicação de "O Capital no Século 21", livro de Piketty que se tornou sucesso de vendas mundial há três anos. O relatório, que será divulgado na abertura de uma conferência de dois dias em Paris, diz que a metade mais pobre da população mundial viu sua renda crescer de forma significativa nas últimas três décadas, mas sugere que uma elite formada por 1% dos habitantes do planeta ficou com um pedaço maior da riqueza produzida no período. Segundo o relatório, os 50% mais pobres se apropriaram de 12% do crescimento de renda observado no mundo desde 1980, graças especialmente ao crescimento acelerado da China e da Índia. Enquanto isso, o 1% mais rico ficou com 27% do aumento da renda mundial no período, dizem os economistas. Os cálculos do grupo de Piketty sugerem que a fatia da renda mundial apropriada pelo 1% mais rico cresceu de 16% para 22% entre 1980 e 2015, enquanto o pedaço dividido pelos 50% mais pobres aumentou de 8% para 10%. Como a renda cresceu nos dois extremos, outro efeito desse processo foi um encolhimento da fatia apropriada pela classe média, um fenômeno que atingiu especialmente os Estados Unidos e a Europa, segundo o relatório. Os estudos em que se baseia o relatório recorrem a diferentes estatísticas para buscar um retrato mais completo da distribuição da renda do que o oferecido por pesquisas tradicionais, que são alimentadas por entrevistas em que as pessoas tendem a subestimar a própria renda. Os pesquisadores do grupo de Piketty têm recorrido a dados como os do Imposto de Renda em seus estudos.

Fonte: Jornal Folha de S. Paulo – 15/12/2017 (online)

Mercado de trabalho para imigrante tem recuperação em 2017

O mercado de trabalho para imigrantes no Brasil, que sofreu forte retração em 2015 e 2016, começa a se recuperar. Segundo dados divulgados nesta quarta-feira (13) pelo ObMigra (Observatório das Migrações Internacionais), houve uma queda de 22,3% no número de imigrantes que conseguiram autorização para entrar no mercado de trabalho formal em 2016 (foram 36.868 em 2015 e 28.658 no ano seguinte). Dados do Caged examinados no relatório apontam que, em 2016, 40.066 imigrantes foram admitidos, e 50.959 demitidos, com um saldo negativo de 10.893. Os dados de 2017, atualizados até junho, mostram recuperação: 22.234 estrangeiros foram admitidos e 17.530 demitidos, um saldo positivo de 4.704. As autorizações permanentes de trabalho, normalmente concedidas a dirigentes de empresa ou investidores, tiveram queda maior em 2016, de 41,7% em relação a 2015. Até 2014, havia um padrão de crescimento anual na entrada de estrangeiros, segundo dados da Polícia Federal compilados no relatório. Mas em 2015, houve queda de 15% nesse número e, em 2016, retração de 9%, porque o país está "atravessando uma crise econômica sem precedentes, aliada à crise política". Em 2016, o número de estrangeiros empregados no mercado de trabalho formal caiu 13% em relação ao ano anterior. Desde 2013, os haitianos são a principal nacionalidade entre os empregados no mercado formal, mas houve queda de 29,9% em 2016. No ano passado, eram 25,7 mil haitianos trabalhando no mercado formal, seguidos por portugueses (8,8 mil), paraguaios (7,7 mil), argentinos (7,1 mil), bolivianos (5,9 mil) e uruguaios (3,9 mil).

Fonte: Jornal Folha de S. Paulo – 14/12/2017